

FONTE : FSF

CLASS. : _____

DATA : 12 12 87PG. : 02Luciano Mendes de Almeida

Pela vida dos ianomami

Na terça-feira passada apenas o avião sobrevoou a maloca da Missão Catrimani, na floresta, a uma hora de voo a sudoeste de Boavista (RR), dezenas de índios ianomami acorreram para a pista de pouso. O pequeno grupo com que viajei além do piloto, incluía o bispo de Roraima, dois sacerdotes e a irmã Florência, que por quase dez anos viveu entre os ianomami.

Ao descermos do monomotor estávamos logo cercados de índios por todos os lados. Aproximaram-se, embora tímidos, com visíveis sinais de contentamento saudando e abraçando com afeto a irmã Florência.

Há três meses a Funai determinou o afastamento temporário dos missionários, na intenção de obter mais facilmente a retirada dos garimpeiros que estão invadindo a área. Com efeito, são milhares os que se embrenham pela mata, atraídos pelo ouro dos rios. A situação dos que se lançam assim à cata de ouro é também preocupante. Após semanas de caminhada, ficam extenuados, contraem malária e outras febres. Quando conseguem acumular algumas pepitas de ouro, tornam-se vítimas de exploradores e até são assassinados pela ganância de companheiros. Há dias retiraram em helicópteros mais de sessenta garimpeiros doentes e alguns em estado bem grave. Esta realidade precisa ser, quanto antes, assumida pelas autoridades. No entanto, o que não se pode permitir é o perigo que isto constitui para a sobrevivência das populações indígenas. O avanço inexorável dos garimpeiros já atinge a área ianomami.

Podemos imaginar a gravidade deste fato que atenta contra o maior conjunto de tribos de índios do Brasil, o principal detrimento é o da saúde. Não há defesa nos organismos dos índios contra as doenças de branco. Numa só tribo de 128 membros morreram dez crianças de coqueluche. Em outra, houve trinta casos de morte por sarampo. Infelizmente constata-se, após a chegada dos grupos de garimpeiros, a transmissão das doenças venéreas, o abuso das bebidas e a perturbação da estrutura tribal de consequências irreversíveis. Há malocas com centenas de índios que se dispersaram em pequenos grupos pela floresta e acabaram por desaparecer.

Não só os garimpeiros, mas o projeto Calha Norte, infelizmente vem a seu modo e por outras razões ameaçando estas tribos. Desejo, desde logo, declarar a necessidade de defender as fronteiras do Brasil. No entanto, é preciso a todo custo evitar métodos que venham lesar rapidamente a sobrevivência dos índios. Abrem-se clareiras, descem helicópteros trazendo da cidade dezenas de operários que acampam na área, fazem construções e pista de pouso, os índios não são vacinados e contraem infecções e morrem. Assustam-se e embrenham-se na floresta.

Anuncia-se agora uma ampla campanha de recenseamento das populações indígenas. Com que finalidade? Esta é uma iniciativa que vai custar muitas vidas. Não bastaria detectar as tribos por fotografias aéreas? O contato direto com as malocas, em busca de dados para o recenseamento aumentará a possibilidade de contágio sem razão suficiente para isso.

Na Missão Catrimani atua a Funai, enquanto os missionários aguardam licença para voltar ao trabalho que exercem há dezenas de anos entre os ianomami.

Ficamos entre os índios apenas algumas horas. Foi o suficiente para ver de perto e compreender melhor quanto estas tribos precisam ser respeitadas no seu direito à vida. Vi muitas crianças nos colos das mães e correndo pelo campo. A sociedade brasileira tem o dever de zelar pelas populações sem defesa. A primeira medida é a imediata demarcação das terras indígenas, garantindo a sobrevivência física e cultural dos povos nativos e usufruto das riquezas naturais.

Aguardamos para breve a votação dos constituintes sobre os artigos referentes às populações indígenas. Apesar dos arbitrários e violentos ataques contra o Cimi e contra o bispo de Roraima, d. Aldo Mongiano, com base em textos falsificados, apesar da campanha que vem sendo feita pela integração acelerada do índio, que implicitamente inclui a intenção, por interesses econômicos, de ocupar as terras indígenas, continuamos alimentando a esperança de que o respeito à lei de Deus e à dignidade destes povos haja de garantir seus direitos em nossa Lei Magna. Aqui fica um depoimento pela vida dos ianomami e de todos os nossos índios.

D. Luciano Mendes de Almeida escreve aos sábados nesta coluna.